

CRÍTICA FILME | A ÚNICA SAÍDA

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

Parasitismo capitalista

Tão luminosas quanto as estatuetas que “Parasita” conquistou, entre elas quatro Oscars e a Palma de Ouro de Cannes, foram suas cifras comerciais: a produção dirigida por Bong Joon Ho em 2019 custou US\$ 11,4 milhões e faturou US\$ 258,1 milhões. Nunca um longa-metragem da Coreia do Sul chegou tão longe. Por isso, ou seja,

por interesse em um novo faturamento desse porte mastodôntico, cada novo empreendimento autoral de pinta mais pop daquela nação é cercado de promessas messiânicas para o mercado. Do mais prolífico realizador daquela pátria, Hong Sangsoo, não se espera isso, pois seu cinema intimista, embora pipoque por tudo quanto é festival (seu novo trabalho, “The Day She Returns”, estará na Berlimale), não se enqua-

dra em nenhuma das convenções conhecidas de blockbuster. O cult de Joon Ho também não, mas tem um dinamismo de ações físicas e um torvelinho de reviravoltas de roteiro que se alinha com mais precisão aos códigos do thriller. É esse também o caso de “A Única Saída” (“No Other Choice”), de Park Chan-wook, a bola da vez do mercado sul-coreano. Estreou mundialmente no Festival de Veneza, na briga pelo Leão de

Ouro. Chega ao Brasil com fome de salas lotadas.

Custou US\$ 12,2 milhões e já faturou US\$ 31 milhões apoiado na fama de seu realizador, que foi consagrado em 2004 com “OldBoy”, depois de ser coroado com o Grande Prêmio do Júri de Cannes. Recentemente, ele trabalhou com Fernando Meirelles na minissérie da HBO MAX “O Simpatizante” (2024), com Robert Downey Jr. Seu novo longa, chamado “Eojeolsuga eobsda” em sua língua nacional, é uma versão do romance “O Corte”, lançado em 1997 por Donald Edwin Westlake (1933-2008), e filmado em 2005 por Costa-Gavras.

Competir por emprego com Man-su (Lee Byung-hun) é mortal, pois ‘A Única Saída’ é sobre predatismo

Na medula do projeto de Chan-wook há um conceito da arte que se chama “heroísmo do rendimento”. Foi um livro do século XIX, *Germinal* (1885), de Émile Zola (1840-1905), que abriu a torneira dessa dramaturgia. Ela pode ser descrita por ser uma linhagem sociológica de narrativas em que a jornada dos protagonistas se constrói a partir de estratégias de sobrevivência econômica. Cabem aí de Chaplin a Plínio Marcos, passando por Rocky Balboa, com amplo espaço para as personagens de Ken Loach e do próprio Costa-Gavras. Não é rara a associação deste procedimento temático às cartilhas marxistas de luta de classes e aos engenhos teóricos funcionalistas, nos quais a sociedade é vista em analogia com organismos biológicos. Nessa toada, há lugar também para os aportes do naturalismo — uma corrente anfíbia entre a arte e as ciências sociais — que representa territórios como se fossem as entranhas dos corpos, com as suas escatologias e dinâmicas de excreção. É nesse naturalismo que uma parte nobre do cinema sul-coreano se instalou desde os anos 2000.

Enervante (e irregular), “A Única Saída” se filia à genealogia do rendimento ao seguir os passos do desempregado Man-su (Lee Byung-hun, num registro que evoca Buster Keaton). Especialista em fabrico de papel, ele tomba ao inferno depois de perder o emprego. Sem chance de obter um trabalho, passa a eliminar seus concorrentes. Sua saga se constrói na fotografia de Kim Woo-hyung com planos que distorcem a aparência de harmonia do real, mergulhando o espectador numa vertigem visual.

CRÍTICA FILME | MARTY SUPREME

POR RODRIGO FONSECA

Excessos em pingues, perseveranças em pongues

Josh Safdie é uma espécie de John Cassavetes ligado no 220. Fala de almas danadas, quase sempre acossadas por ciladas financeiras, mas que firmam uma épica sem eira nem beira na rua, como fazia o mítico diretor de “A Morte de um Bookmaker Chinês” (1976), só que fora das CNTPs do cinema moderno.

Seu gingar com a câmera é trincado, tudo rápido, no corre. Numa

carreira construída a partir de 2002, quase sempre em parceria de direção com o irmão ator (e realizador premiado, Benny Safdie, de “Smashing Machine”), Josh gosta de retratar pessoas fora do eixo de repouso, seja moral ou espiritual. Fez isso com Robert Pattinson em “Bom Comportamento” (2017) e com Adam Sandler no bestial “Joias Brutas” (2019), obra-prima absoluta do thriller no século XXI.



Diamond Films

Timothée Chalamet dá vida a um craque do tênis de mesa

Agora, com Timothée Chalamet, o cineasta se concentra num estudo sob obsessão. A partir de elementos reais da vida do craque de tênis de mesa Marty Reisman (1930-2012), seu novo e taquicárdico conto sobre sobrevivência abraça o mote da perseverança ao narrar a ciranda de loucuras de um raqueteiro profissional que adora paquerar mulher casadas e não aceita perder.

A década de 1950 que o gerou é igualmente avessa a derrotas. À luz em ebulição da fotografia de Darius Khondji, Josh faz uma crônica daquele tempo e nos dá um herói torto, mas arrebatador. A participação do diretor Abel Ferrara como um marginal espumando de raiva é magistral. (R. F.)